

Jacques Le Goff (1924-2014)¹

Jean-Claude Schmitt
Directeur d'études à l'EHESS
Directeur du *Groupe d'Anthropologie Historique de l'Occident Médiéval* (GAHOM)
jcschmit@ehess.fr

Quando Jacques Le Goff recebeu, em 1991, a Medalha de Ouro do Centro Nacional da Pesquisa Científica² - a mais alta distinção científica francesa -, exclamou em seu discurso: “Eu amo os homens!”. Isso soava como um manifesto. Os homens, todos os homens, ele devorava com apetite, saciava-se com sua “carne fresca” e com suas “maneiras de sentir e de pensar”, como dizia Marc Bloch, esse mestre e modelo que ele lamentou não ter podido conhecer. Ele deu, diz-se às vezes, títulos de nobreza à história das mentalidades, mas, na realidade, essa expressão, por mais que ele tenha justificado o seu uso, era, para ele, sobretudo um modo de deslocar as perguntas, de transferir as perspectivas, de abrir novos territórios ao historiador, de enlaçar a parte sensível dos homens, seus sonhos, seu imaginário e a cultura material, as condições concretas da existência. “Antropologia histórica” vestia melhor suas ambições: de mãos cheias ele abraçava a humanidade inteira, inspirando-se em outras ciências sociais para compreendê-la, mas abarcando-a sempre no tempo histórico, a fim de escutar a lenta respiração de uma “longa Idade Média” distendida em treze séculos.

Nesse imenso projeto tão profundamente humanista, nada lhe permaneceu estrangeiro e ele nunca deixou de lançar novas pistas, de explorar ele próprio uma grande quantidade delas, mas também de convidar os outros a comprometerem-se com elas, semeando a todos os ventos ideias inovadoras, para deixá-las aos mais jovens. Suas intuições eram fulgurantes, era excelente nas aproximações mais inesperadas e tornava límpida a complexidade, a coerência e as contradições de um documento, de uma situação, de uma época. Como mensurar a dinâmica das cidades a partir da quantidade e da implantação dos conventos mendicantes? Como conciliar a recusa franciscana do dinheiro e a modernidade urbana do século XIII? Como relacionar o aparecimento de um terceiro lugar no além e as mudanças da sociedade? Como ser rei e santo ao mesmo tempo?

Esse imenso historiador, um dos maiores do século XX, nasceu no dia 1º de janeiro de 1924, em Toulon, e faleceu em Paris, a 1º de abril de 2014, em seu nonagésimo primeiro ano. Ex-aluno da Escola Normal Superior³ da rua d'Ulm, em Paris, é beneficiado, no início de sua carreira, com uma bolsa de estudos em Praga - ele estava lá em março de 1948, no momento do “Golpe de Praga”, que o dissuadiu para sempre de aderir ao Partido Comunista Francês, contrariamente a muitos outros intelectuais e historiadores de sua geração, que não foram menos amigos seus ao longo de todas suas vidas (Emmanuel Le Roy Ladurie, François Furet, Jean-Pierre Vernant, entre outros). Mas sempre permaneceu um homem de esquerda e militou no Partido Socialista Unificado de Pierre Mendès-France no momento da Guerra da Argélia. Professor⁴ de História (1950), Jacques Le Goff completa sua formação de historiador no Lincoln College, Oxford (1951-1952), e, em seguida, na Escola Francesa de Roma (1952-1953), o que o liga definitivamente à Itália e a seus intelectuais. Assessor de pesquisa⁵ do CNRS (1953-1954 e 1959-1960), assistente na Universidade de Lille (1954-1959), onde encontra o medievalista Michel Mollat, ele se deixa facilmente convencer por Maurice Lombard, o grande especialista das trocas entre a Europa e a Ásia central muçulmana na Idade Média (é no seu seminário que ele encontra o historiador polonês Bronislaw Geremek e que se tornaram amigos) e por Fernand Braudel, historiador dos vastos espaços marítimos e da “longa duração”, a ingressar na VI Seção da Escola Prática de Altos Estudos (EPHE)⁶: é nomeado em 1960 e, muito rapidamente, torna-se diretor de estudos (professor).

Sua direção de estudos intitula-se, inicialmente, “Sociologia Histórica”, em seguida, sob influência da crescente voga da antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss e de outros, “Antropologia Histórica do Ocidente Medieval”. Ele dá, uma vez por semana, um seminário de onde sairá a maioria de seus estudos sobre a cidade e o tempo (“Tempo da Igreja e tempo do mercador”), sobre a cultura folclórica na Alta Idade Média, como, mais tarde, sobre “Melusina, maternal e arroteadora” e sobre o “nascimento do purgatório”. Ele gosta, sobretudo, de todo trabalho em equipe e lança uma vasta pesquisa sobre o crescimento urbano na França dos séculos XIII a XV, tomando como critério do “fato urbano” e de seu desenvolvimento a presença, em uma localidade, de ao menos um convento das Ordens Mendicantes: a quantidade de conventos, de um a quatro (franciscano, dominicano, agostiniano, carmelita) dá a

medida da importância e da dinâmica das cidades. Muitos desses estudos são retomados em duas coletâneas de artigos, *Por uma outra Idade Média - Tempo, trabalho e cultura no Ocidente: 18 ensaios*, Paris, Gallimard, 1977, e *O imaginário medieval*, Paris, Gallimard, 1985.

Entretanto, Jacques Le Goff publicou seus primeiros livros, que assentaram sua reputação muito além do meio dos medievalistas e que continuam a ser, sem interrupção, reeditados: *Mercadores e banqueiros da Idade Média*, Paris, PUF; “Que sei eu?” n° 699, 1956; em seguida, *Os intelectuais na Idade Média*, Paris, Ed. du Seuil, 1957, no qual não hesita em lançar mão do anacronismo, ao nomear “intelectuais” os mestres das escolas urbanas, em seguida, das universidades, para significar o seu engajamento na cidade: um alusão explícita - e contraditória - à mobilização dos intelectuais franceses na ocasião do Caso Dreyfus, e também à noção de “intelectuais orgânicos” de Gramsci.

Em 1964, o grande público instruído descobre com entusiasmo, na sua grande síntese *A civilização do Ocidente Medieval*, Paris, Arthaud, 1964, uma Idade Média totalmente inesperada e muito diferente da imagem que lhe era habitualmente dada: mais que o brilho espiritual das linhas gerais celebrado por alguns, mais que a escuridão “medieval” denegrida ao contrário por outros, ele mostra-se atento às realidades cotidianas, aos gestos, às dificuldades e à fragilidade da existência, mas também ao dinamismo material e intelectual da sociedade medieval e, principalmente das cidades. Todo o programa de trabalho de Jacques Le Goff já é esboçado nesse livro, que multiplica as pistas, as quais ele próprio ou outros com ele ou depois dele continuarão a explorar. Assim, em 1981, será publicado *O nascimento do Purgatório*, Paris, Gallimard, 1981, em gestação havia muitos anos e que parte de uma fulgurante intuição: o que significa a passagem, no final do século XII, do adjetivo “(ignis) purgatorius” ao substantivo “purgatorius”? Jacques Le Goff desenvolve, a partir dessa observação lexical, a hipótese ambiciosa do nascimento de um “terceiro lugar” do além cristão, o purgatório, onde a quase totalidade dos defuntos (à exceção dos condenados no inferno e dos santos no paraíso) sofrem terríveis provações, mas por um tempo apenas (e não pela eternidade) e com a certeza da salvação final. E ele relaciona essa inovação do imaginário com as mutações sociais contemporâneas e a emergência da burguesia urbana e mercantil, que conta o tempo como conta o dinheiro.

No início dos anos 60, Jacques Le Goff entrou para a direção das revista dos *Annales*, laboratório por excelência da “nova história”. Até sua morte, participará ativamente da vida da revista, com seus próprios artigos, mas também com a leitura crítica das reflexões propostas por outros historiadores. Em 1972, sucede Fernand Braudel como presidente da VI Seção da EPHE, que se torna, sob seu impulso, em 1975, Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais⁷, que ele presidiu até 1977. O estabelecimento, que se devota à pesquisa e à formação para a pesquisa, é, desde então, autônoma da Escola Prática de Altos Estudos e torna-se, rapidamente, muito mais importante. O número de doutorandos formados a cada ano no conjunto das ciências sociais ultrapassa os três mil, a influência internacional é considerável.

Quando Jacques Le Goff retorna plenamente à sua pesquisa pessoal, cria, em 1978, na EHESS, o *Grupo de Antropologia histórica do Ocidente medieval* (GAHOM), que dirigiu até sua aposentadoria, em 1992. Com ele, alguns pesquisadores lançam uma pesquisa coletiva que desde aí não parou de se desenvolver - principalmente com edições de textos e de bases de dados - sobre a literatura medieval dos *exempla*, instrumentos da pregação e fonte privilegiada das trocas culturais entre clérigos (em primeiro lugar, os religiosos das Ordens Mendicantes) e os leigos. Um dos estudos de Jacques Le Goff consagrados ao tema do dinheiro e da usura na sociedade medieval é diretamente advinda dessa pesquisa sobre os *exempla: A bolsa e a vida - Economia e religião na Idade Média*, Paris, Hachette, 1986.

Jacques Le Goff também se interessou pela ideologia real, pelas imagens e pelos rituais da realeza (*A coroação real na época de São Luís*, com E. Palazzo, J.-C Bonne, M.-N Colette, Paris, Gallimard, Coleção “O Tempo das imagens”, 2011). Deve-se a ele a descoberta dos *Reis taumaturgos* (1924) de Marc Bloch, cuja edição da Gallimard prefaciou. Não sem paradoxo para um dos líderes da “Escola dos Annales”, interessou-se pela biografia histórica e concentrou-se, por diferentes razões, em duas grandes figuras representativas da cultura e da sociedade do século XIII: reuniu em um volume vários estudos sobre São Francisco (*São Francisco de Assis*, Paris, 1999) e, sobretudo, publicou, depois de muitos anos de pesquisa e de reflexão, seu volumoso *São Luís*, Paris, Gallimard, 1996. Que não nos enganemos: esse livro é mais uma anti-biografia que uma biografia, uma vez que Jacques Le Goff lança, logo no início, a surpreendente pergunta: “São Luís realmente existiu?”. Certamente, não podemos duvidar da real

existência do rei em seu tempo, mas só é possível compreendê-lo através de fontes muito diversas que restituem, todas, o “seu” São Luís e fazem duvidar da possibilidade de se circunscrever o “verdadeiro” retrato do rei. Através desse caso maior, é, mais uma vez, uma admirável lição de método que é dada.

Medievalista, Jacques Le Goff contribuiu largamente para a renovação da ciência histórica em geral, propondo aos historiadores, juntamente com Pierre Nora, “novas abordagens”, “novos problemas” e “novos objetos” (*Fazer história*, 3 volumes, Paris, Gallimard, 1974); em seguida, associando seu nome, sem tê-lo realmente procurado, ao projeto da “nova história” (*A Nova História*, com Roger Chartier e Jacques Revel, Paris, Retz, 1978). Lembrar-se-á, entre outros, dos ensaios nos quais reflete sobre a distinção entre as noções de história e de memória (*História e memória*, Paris, Gallimard, 1998), ano no qual seus amigos e alunos mais próximos rendem-lhe uma homenagem, testemunhando suas contribuições decisivas e sua influência internacional: *O ogro historiador - Em torno de Jacques Le Goff*, textos reunidos por Jacques Revel e Jean-Claude Schmitt, Paris, Gallimard, 1998.

Ainda bem recentemente - foi seu último livro - Jacques Le Goff defendeu com prudência a necessidade de uma periodização na história, especialmente para fins pedagógicos, tomando o cuidado com os riscos de um “recorte da história em fases”: *Deve-se realmente recortar a história em fases?*, Paris, Le Seuil, 2014. A periodização deve ser compreendida como uma escanção da “longa duração” segundo Braudel, repensada no quadro de uma “longa Idade Média”, que vai do fim da Antiguidade tardia (séculos IV e V) às revoluções industriais e políticas dos séculos XVIII e XIX europeus.

Mais que enumerar os inumeráveis trabalhos e publicações de Jacques Le Goff, deve-se insistir em sua influência no exterior. Foi muito cedo recebido com entusiasmo na Itália, onde faz laços duradouros de amizade. Sua outra “segunda pátria” é a Polônia, para onde é enviado por Fernand Braudel em 1956 para estabelecer laços científicos entre a Escola de Altos Estudos e a Academia de Ciências da Polônia. Dali resultarão frutuosos programas de intercâmbio, amizades duradouras (com Witold Kula, Bronislaw Geremek, Alexander Giesztor, Jerzy Kloszowsky, Karol Modzelewsky etc) e, no plano pessoal, o encontro com Hanka Wasowitch, jovem doutora em Medicina com quem se casa em 1962. O casal terá dois filhos, Barbara e Thomas. Em 2004, a morte de sua mulher deixa-o inconsolável. Ele lhe rende homenagem em um pequeno

livro de memórias, cuja escrita ajuda-o a concluir seu “trabalho de luto” (*Com Hanka*, Paris, Gallimard, 2008). Os laços criados com os intelectuais poloneses são particularmente preciosos no momento do movimento *Solidarnosz*. Em 1981, a proclamação do “estado de guerra” pelo general Jaruzelsky leva à prisão de muitos amigos intelectuais. Jacques Le Goff toma, então, a iniciativa da convocação dos “500 cientistas pela Polônia”, que encontra um profundo eco; numerosos pesquisadores e professores poloneses perseguidos por seu engajamento social e político encontram, então, refúgio na França e um emprego no CNRS ou na Universidade.

Além dos numerosos trabalhos pessoais de Jacques Le Goff, deve-se sublinhar o impulso que ele deu às pesquisas e às publicações coletivas. Grandes empresas editoriais trazem sua marca, como *A história da França urbana* (com Georges Duby), Paris, Edições do Seuil, 1980; *A história da França religiosa*⁸ (com René Rémond), Paris, Edições do Seuil, 1988; ou ainda, o *Dicionário temático do Ocidente medieval* (com Jean-Claude Schmitt), Paris, Fayard, 1999.

Jacques Le Goff também se preocupou muito com a difusão do saber além do círculo restrito dos especialistas. A simplicidade e a clareza de sua escrita, sua maneira pessoal de tornar concretas e vivas as realidades do passado, seus dons de contador de histórias muito contribuíram para tornar acessível ao maior número de pessoas o saber do medievalista. Pode-se, nesse sentido, compará-lo a Georges Duby, a quem foi ligado. De seu lado, Jacques Le Goff criou e apresentou, a partir de 1968, o programa de rádio da France Culture “As segundas da história”, na qual convidou várias gerações de medievalistas e de historiadores e, mais geralmente, especialistas das ciências humanas e sociais, para discutir com eles seu último livro. Gravou o último programa quinze dias antes de ir para o hospital, e ele foi ao ar na segunda-feira, 31 de março, véspera de sua morte.

Europeu convicto, Jacques Le Goff lançou a coleção internacional (publicada em cinco idiomas) “*Fazer a Europa*”. E também aí, preocupado em dirigir-se aos mais jovens, publicou um pequeno livro: *A Europa contada aos jovens*, Paris, Seuil, 1996.

Na ocasião dos colóquios ou da recepção de numerosos prêmios e de doutorados *honoris causa* (das Universidades de Cracóvia, Louvain, Jerusalém, Budapeste, Varsóvia, Bucarest, Cluj e Praga), Jacques Le Goff percorreu vários países do mundo. Guardava uma lembrança emocionada da Islândia, do Japão e também da Índia.

Censurava-se por não ter ido à América do Sul. Mas a doença, já havia vários anos, obrigava-o a não mais sair de casa. As visitas afluíam, então, do mundo inteiro, e ele ficava feliz de recebê-las com generosidade e simplicidade.

Para ele, a reflexão sobre a profundidade do tempo da história e as esperanças do cidadão nunca foram dissociadas. Jacques Le Goff viveu um longo e trágico século XX, ao longo do qual não cessou de refletir sobre todos os problemas, de indicar pistas, de mobilizar energias, de dar sem controlar. “Quanto mais se é louco, mais se ri!”, gostava ele de dizer para justificar a pesquisa coletiva que ele afeiçoava acima de tudo, porque ela permite a troca e o diálogo, às antípodas dos pequenos egoísmos estreitos do erudito solitário. Jacques Le Goff era o oposto completo de um solitário: um homem de coração atento aos outros e feliz de viver no tumulto da cidade.

¹ Originalmente publicado em *Hermès, La Revue* 2014/2 (n° 69). Esta edição da *Brathair* apresenta o texto original e sua tradução inédita para o português. Tradução do Prof. Ms. Thiago de Souza Ribeiro Chaves (PEM-UnB).

² N.T.: Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS).

³ N.T.: École Normale Supérieure.

⁴ N.T.: No original, “Agrége”, termo que corresponde àquele que foi aprovado no exame de “agrégation”. Trata-se de um concurso público de recrutamento de professores do ensino secundário e, em alguns casos, de ensino superior. Existente desde 1766, é um concurso de alto nível e extremamente concorrido que permite ao aprovado ser professor nos liceus, cursos preparatórios ou na universidade. A preparação à “agrégation” ocorre ou em universidades ou nas Escolas Normais Superiores, entre as quais destaca-se a da rua d’Ulm, uma das mais prestigiadas e de mais difícil admissão.

⁵ N.T.: No original, “attaché de recherche”.

⁶ N.T.: École Pratique des Hautes Études (EPHE).

⁷ N.T.: École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS).

⁸ N.T.: A tradução já existente para o português é *História religiosa da França*.